



O ROTACISMO NA FALA DE AMAPAENSES

Romário Duarte Sanches (UEAP/UFPA)¹
romario.sanches@ueap.edu.br

Rosilene Miranda Gonçalves (UEAP)²
rosilene91miranda@gmail.com

RESUMO: O artigo pretende mostrar o fenômeno do rotacismo na fala de amapaenses e como essa temática pode ser trabalhada no contexto escolar, sobretudo nas aulas de Língua Portuguesa. O objeto de estudo é a troca do fonema /L/ pela vibrante [r]. Como referencial teórico têm-se os estudos dentro do escopo da Dialetologia (CARDOSO, 2010) e da Sociolinguística Educacional (BORTONI-RICARDO, 2004), além de um breve levantamento bibliográfico sobre o rotacismo no português brasileiro com base dos estudos de Costa (2007), Reis (2010) e Muniz (2019). O corpus de análise compõe os dados fonéticos do Atlas Linguístico do Amapá (ALAP) (RAZKY, RIBEIRO, SANCHES, 2017). Desta forma, a metodologia da pesquisa contempla 40 informantes amapaenses, balanceados de acordo com sexo/gênero (masculino e feminino) e faixa etária (18-30 anos e 50-75 anos), bem como a escolha das seguintes localidades/municípios: Macapá, Santana, Mazagão, Laranjal do Jari, Pedra Branca do Amapari, Porto Grande, Tartarugalzinho, Calçoene, Amapá e Oiapoque. Os vocábulos selecionados foram: *clara*, *planta*, *placa* e *bicicleta*. O estudo oferece dois tipos de discussão, a primeira consiste na apresentação de dados descritivos sobre a realização ou não realização do fenômeno do rotacismo na fala de amapaenses, chegando à conclusão de que apenas 6% dos dados analisados apresentaram a realização do fenômeno. A segunda discussão diz respeito à maneira como o rotacismo é tratado em sala de aula, pois, em sua maioria, é visto como “erro” de fala ou de escrita do português padrão. Neste sentido, sugere-se que o professor passe a identificar e a conscientizar seu aluno sobre a realidade cultural e linguística brasileira, buscando formar cidadãos autônomos, críticos e reflexivos.

PALAVRAS-CHAVE: Dialetologia. Sociolinguística. Variação linguística. Rotacismo.

ABSTRACT: The article intends to show the phenomenon of rotacism in the speech of amapaenses and how this theme can be worked in the school context, especially in Portuguese language classes. The object of study is the exchange of phoneme /L/ for vibrant [r]. The theoretical framework has the studies within the scope of Dialectology (CARDOSO, 2010) and Educational Sociolinguistics (BORTONI-RICARDO, 2004), as well as a brief bibliographical survey on Brazilian Portuguese rotacism based on studies by Costa (2007), Reis (2010) and Muniz (2019). The corpus of analysis composes the phonetic data collected for the Amapá Linguistic Atlas (ALAP) (RAZKY, RIBEIRO, SANCHES, 2017). Thus, the atlas methodology includes 40 informants, balanced according to gender (male and female) and age (18-30 years and 50-75 years), besides the choices of the following localities/municipalities: Macapá, Santana, Mazagão, Laranjal do Jari, Pedra Branca do Amapari, Porto Grande, Tartarugalzinho, Calçoene, Amapá and Oiapoque. The selected words were: *clara*, *planta*, *placa* and *bicicleta*. The study offers two types of discussion; the first one is the presentation of descriptive data about the realization or non-realization of the phenomenon of rotacism in Amapá, reaching the conclusion that only 6% of the analyzed data presented the realization of the phenomenon. The second discussion concerns the way in

¹Professor do Curso de Letras da Universidade do Estado do Amapá (UEAP). Doutorando em Linguística pela Universidade Federal do Pará (UFPA).

²Acadêmica do Curso de Letras (Português-Espanhol) e bolsista de Iniciação Científica (PROBICT-UEAP).



which rotacism is treated in the classroom, as it is mostly seen as a “mistake” in standard Portuguese speech or writing. In this sense, it is suggested that the teacher identify and make his student aware of the Brazilian cultural and linguistic reality, seeking to form autonomous, critical and reflective citizens.

KEYWORDS: Dialectology. Sociolinguistics. Linguistic Variation. Rotacism.

1. Introdução

A variação linguística tem sido objeto de pesquisa de duas áreas da Linguística, a Dialetoлогия e a Sociolinguística. A primeira tem seu começo no Brasil em 1826 com a presença de Visconde de Pedra Branca e Domingos Borges de Carvalho no *Atlas Ethnographique du Globe*, de Adrien Balbi. A segunda área ainda é muito recente no país, data da década de 1970 até os dias atuais, sob forte influência das obras de William Labov.

Em ambas as áreas, a língua é compreendida como um mecanismo vivo, um processo social. Na medida em que a sociedade e os sujeitos mudam, a língua também acompanha tais mudanças. Diante dessa perspectiva, abandona-se a ideia de que a língua é uma estrutura pronta e acabada e se aceita a ideia de que a realidade linguística dos falantes está condicionada ao seu comportamento sociocultural.

A partir disso, buscam-se explicações para os diversos fenômenos linguísticos decorrentes da variação linguística, processo inerente às línguas naturais. Os fatores externos a língua como idade, escolaridade, sexo, profissão, localização geográfica e entre outros, também passam a ser o foco de análise da variação, tendo em vista o condicionamento desses fatores ao comportamento linguístico.

Com base nessa discussão, pretende-se mostrar aqui o fenômeno do rotacismo na fala de amapaenses e como essa realidade linguística pode ser trabalhada no contexto escolar, sobretudo nas aulas de Língua Portuguesa. Para o desenvolvimento do artigo, o texto foi organizado em cinco partes: introdução, referencial teórico, metodologia da pesquisa, apresentação e discussão dos resultados e as considerações finais.



2. Referencial teórico

Nesta seção, apresenta-se uma breve discussão sobre a área da Dialetologia e da Sociolinguística e posteriormente faz-se um breve levantamento bibliográfico de estudos sobre o fenômeno do rotacismo no português brasileiro.

2.1 Dialetologia e Sociolinguística

Sobre o surgimento da Dialetologia, Cardoso (2010) afirma que os estudos nessa área foram datados nos fins do século XVIII e começou a ganhar força no século XIX com a aplicação do método geolinguístico (geografia linguística). Muitos dos trabalhos dialetais resultaram da preocupação com o resgate de dados linguísticos e a documentação dos diferentes estágios de uma língua.

A Geolinguística, como método dialetológico, é marcada por dois episódios na investigação linguística: o primeiro diz respeito ao trabalho de Georg Wenker em 1881, no final do século XIX; e o segundo está relacionado ao atlas de Jules Gilliéron em 1902.

O atlas de Wenker objetivou documentar a realidade linguística Alemã, reunindo dados de 40.736 localidades, com um total de 44.251 respostas coletadas, sem, porém, atentar para o controle sistemático de variáveis sociais. Em relação ao atlas de Gilliéron, objetivou-se cartografar os patoás galo-romanos. Para isso, Gilliéron elaborou um questionário de aproximadamente 1500 frases e palavras usuais que dava o essencial dos sistemas lexicais, fonéticos, morfológicos e sintáticos.

Atualmente, a Dialetologia é considerada como um ramo dos estudos linguísticos que assume a tarefa de identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica (CARDOSO, 2010).



Muito próxima à definição dada à Dialetologia está a de Sociolinguística, definida, segundo Cezário e Votre (2012), como uma área que estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística, ou seja, a língua é uma instituição social e, portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independente do contexto situacional, da cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação.

A Sociolinguística ou Teoria da variação linguística, como alguns autores denominam, foi fundada por William Labov na década de 1970. Este autor observou que a variação linguística é condicionada a fatores sociais, pois, de acordo com o contexto social e o momento da interação, o falante usa a língua em conformidade com as mudanças sociais, históricas, políticas e culturais. Isto permitiu postular que há uma mudança linguística contínua e que as línguas sofrem lentas, graduais e parciais mudanças, sem que sejam percebidas pelos indivíduos, devido às acomodações advindas de fatores intralinguísticos e extralinguísticos.

Com o surgimento da Sociolinguística laboviana a Dialetologia conseguiu ampliar seu campo de investigação, passando a controlar não só a variação diatópica, mas inserindo em suas análises variáveis sociais complexas, tais como a variação diastrática, diafásica, diamésica, diagenérica, diageracional e entre outras. A essa ampliação Trudgill e Chambers (1994) vão afirmar que a Dialetologia deixa de ser tradicional e passa a ser urbana ou social.

Essa intersecção dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística com os da Dialetologia (geolinguística) criou, então, confusões em torno do objeto de estudo de ambas as disciplinas. Isso porque a Dialetologia urbana ou social tem aspectos de análise parecidos com a da Sociolinguística. Estas disciplinas têm como objeto de estudo a variação linguística e ambas mantêm o controle de variáveis sociais.

Para Ferreira e Cardoso (1994), apesar dessa confluência entre os objetivos da Dialetologia e da Sociolinguística, o principal é o estudo da diversidade linguística:



Na verdade, definir objetivos e metas dos vários ramos da ciência da linguagem, como aliás em qualquer ciência, é sempre muito difícil porque são fluidos ou pouco nítidos esses limites, mais fluidos e pouco nítidos se tornam quando se fala de Dialetologia e Sociolinguística que têm – ambas – como objetivo maior o estudo da diversidade da língua dentro de um perspectiva sincrônica e concretizado nos atos de fala (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 19).

Para Silva-Corvalán (1988) esse aspecto diverso da língua fez com que essas duas disciplinas se tornassem sinônimas:

Sociolinguística e Dialetologia se têm considerado até certo ponto sinônimas uma vez que ambas as disciplinas estudam a língua falada, o uso linguístico e estabelecem as relações que existem entre certos traços linguísticos e certos grupos de indivíduos. Assim como a Sociolinguística, a Dialetologia reconheceu desde cedo a existência da heterogeneidade linguística. (SILVA-CORVALÁN, 1998, p. 08).

Padovani e Sanches (2014) entendem que a Dialetologia e a Sociolinguística são duas perspectivas de observação e de análise linguística que não se opõem, mas que se complementam.

Atualmente, tanto a Dialetologia como a Sociolinguística ganharam novas abordagens de estudos. A Sociolinguística, por exemplo, tem um viés aplicado conhecido no Brasil como Sociolinguística educacional. Essa corrente tem se debruçado em temáticas da área e sua implicação no processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa.

Para Bortoni-Ricardo (2004, p. 130), dentro do escopo da Sociolinguística educacional encaixa-se “todas as propostas e pesquisas sociolinguísticas que tenham por objetivo contribuir para o aperfeiçoamento do processo educacional, principalmente na área de ensino de língua materna”. Assim, autora propõe seis princípios fundamentais para que se possa implementar uma Sociolinguística Educacional.

O primeiro princípio deve oferecer ao aluno conhecimento e habilidade nas variedades orais e escritas de prestígio, para que ele tenha acesso a diferentes práticas da cultura letrada. O segundo diz respeito ao caráter sociossimbólico das regras variáveis que deve fazer com o aluno tenha consciência dos valores socioculturais implicados na

língua (variedades estigmatizadas ou não). O terceiro considera a inserção da variação linguística na matriz social, propõe-se que os professores desenvolvam uma pedagogia culturalmente sensível. O quarto concerne aos estilos monitorados da língua que são reservados à realização de eventos de letramento em sala de aula, deve instituir-se na escola a dicotomia entre letramento e oralidade. O quinto versa sobre a descrição da variação e da análise minuciosa do processo interacional, na qual se avalia o significado que a variação assume. Por último, tem-se o processo de conscientização crítica dos professores e alunos quanto à variação e à desigualdade social que ela reflete.

Sobre esse último princípio, vale destacar o preconceito linguístico que é um reflexo dessa falta de conscientização e respeito à diversidade linguística e cultural dos falantes.

Preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe [...] uma única língua portuguesa digna desse nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente”, e não é raro a gente ouvir que “isso nem é português”. (BAGNO, 2007, p.40).

Os indivíduos que praticam preconceito são levados a crê que existe apenas uma forma de falar, sendo aquela prescrita pelas gramáticas normativas, e que considera as outras maneiras de falar como sendo “errada”. Um dos fenômenos linguísticos que é objeto de preconceito linguístico é o rotacismo, a troca do (l) pelo (r), como em *placa* > *praca*, por exemplo.

Por fim, com a aplicação dos princípios postulados por Bortoni-Ricardo (2004), as pesquisas em Sociolinguística passam a adquirir caráter educacional, no qual o conhecimento construído em ambiente acadêmico adentra o espaço escolar como forma de contribuir para formação de cidadãos críticos e reflexivos diante da diversidade linguística e cultural brasileira.

2.3 O rotacismo no português brasileiro

O rotacismo é um fenômeno fonológico relacionado com a realização fonética de um som rótico em substituição a um som lateral ou vice-versa. No português, o rotacismo ocorre quando há substituição da líquida lateral [l] pela vibrante simples ou tepe [r] (SILVA, 2011, p. 197).

Segundo Marroquim (1996, p. 29), este fenômeno tem sua origem na formação do português, na qual a passagem de [l] a [r] esteve presente em vocábulos do latim para o português: *platum* > *prato*; *nobilem* > *nobre*; *blandum* > *brando*; *regulam* > *regra*; *clavum* > *cravo*.

Em algumas regiões do Brasil, os falantes neutralizam os traços distintivos desses dois fonemas. Isso, possivelmente, deve-se ao fato de serem do ponto de vista articulatorio muito próximo.

Quanto ao ponto de articulação, há muitas semelhanças, pois ambas são realizadas com a ponta da língua tocando os alvéolos dos dentes. No entanto, são fonemas distintos no português uma vez que de acordo com o princípio da comutação a pares mínimos idênticos ou análogos de palavras, a troca de /l/ por /r/ pode implicar em mudança de significado como, por exemplo, no caso das palavras “mal” e “mar” (FREITAG *et al.*, 2010).

A prática do rotacismo pode ocorrer em três contextos silábicos: em coda medial, como em *alface* > *arface*, em coda final, *sal* > *sar*, e em grupos consonantais, *globo* > *grobo*.

A respeito desse fenômeno no português brasileiro, seja na perspectiva sociolinguística, seja na perspectiva geolinguística, já foram desenvolvidos alguns estudos no Brasil, como o de Costa (2007), o Reis (2010) e Muniz (2019).

O estudo de Costa (2007) tem por objetivo analisar a realização de uma líquida vibrante por uma líquida lateral, como, por exemplo, *pranta* por *planta*. Para isto, a autora utilizou a Teoria da Variação e o corpus do Projeto VARSUL – Variação



Linguística Urbana da Região Sul. A autora compilou dados fonéticos de 40 informantes da cidade de São José do Norte – RS, dividido em três grupos: até 40 anos (10 informantes), de 40 até 55 anos (15 informantes) e mais de 55 anos (15 informantes). Como resultado, ela constata que o rotacismo é uma regra variável que depende do contexto silábico em que ocorre e que está condicionada por fatores sociais, como a escolaridade e a faixa etária.

Sobre os fatores sociais, os resultados de Costa (2007) mostram que há maior incidência do fenômeno entre os falantes mais jovens e mais velhos, sugerindo ser o rotacismo uma variável estável na comunidade de São José do Norte, e entre os falantes menos escolarizados, sobretudo na fala de analfabetos.

Sobre a pesquisa de Reis (2010) o objetivo foi investigar o fenômeno do rotacismo nos vocábulos *clavícula* e *calcanhar*, em quatro municípios maranhenses, considerando fatores sociais (idade, sexo e escolaridade) e um fator linguístico (a posição da consoante líquida lateral /l/ na sílaba, em coda silábica e em ataque complexo). Os dados são oriundos do Projeto Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA) referentes aos pontos de inquérito: São Luiz, Bacabal, Brejo e Pinheiro. Para análise, Reis (2010) levou em consideração a variação diageracional (faixa etária I (18 a 30 anos) e faixa etária II (50 a 65 anos)), variação diagenérica (homens e mulheres) e o fator escolaridade (informantes com grau máximo de até a quarta série do fundamental).

A autora constatou que do total de 16 informantes, 10 realizaram o rotacismo em pelo menos em um dos vocábulos selecionados, e que o rotacismo ocorreu em dois contextos linguísticos, em coda e em ataque complexo, influenciado por dois fatores extralinguísticos: a escolaridade e a localização geográfica dos informantes.

Um estudo mais recente é o de Muniz (2019) que buscou investigar o rotacismo na fala de crianças de Santo Amaro, na Bahia. A pesquisa foi feita com seis crianças da Escola Municipal Coronel Francisco Pinto. A autora analisou o rotacismo a partir da fala de crianças em fase de alfabetização, controlando assim fatores linguísticos como tonicidade e o número de sílabas, bem como fatores extralinguísticos, faixa etária, sexo e escolaridade.



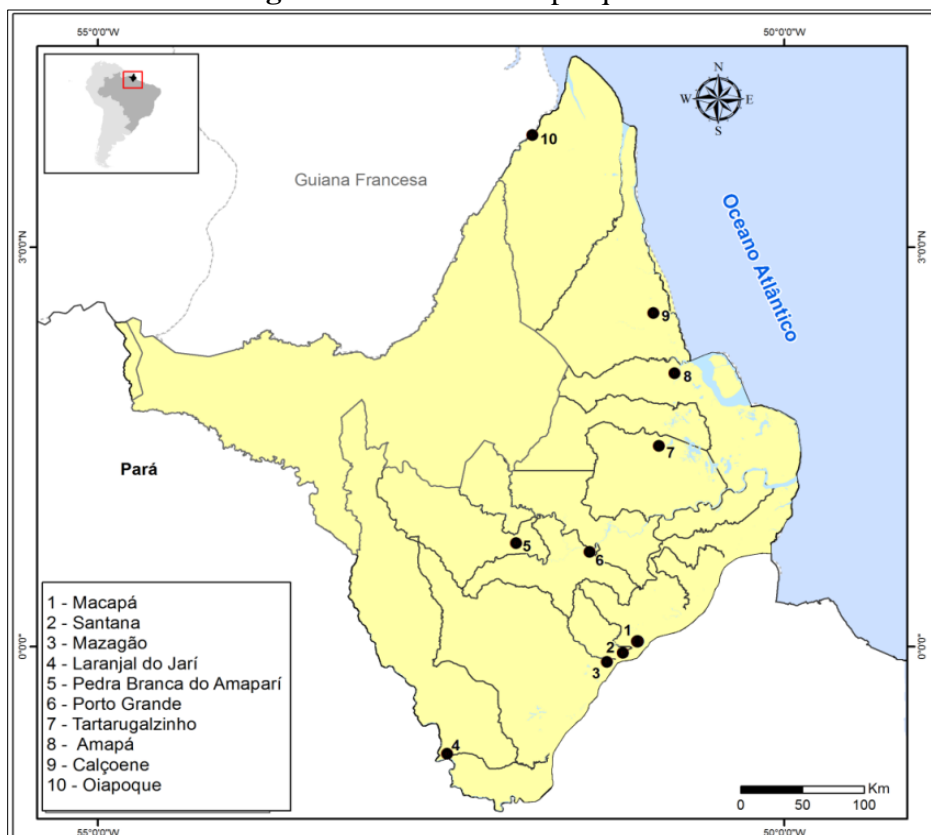
Como resultados, a autora afirma que os fatores extralinguísticos como idade, sexo e nível de alfabetização não determinaram a realização do processo do rotacismo, pois os informantes que realizaram uma maior quantidade do fenômeno eram de sexos diferentes e de graus de alfabetização também distintos. Já os fatores linguísticos, segundo Muniz (2019), tiveram regularidade no processo da produção do rotacismo. A realização se deu de forma significativa em posição de onset complexo como em *bicicleta* > *bicicreta*, comprovando que essa variação não padrão faz parte da gramática internalizada dos alunos.

3. Metodologia da pesquisa

O corpus de análise desta pesquisa diz respeito aos dados fonéticos coletados para o projeto ALAP, organizado e publicado em 2017 pelos professores Abdelhak Razky, Celeste Ribeiro e Romário Sanches.

Deste modo, a metodologia do trabalho correlaciona-se com a do projeto ALAP. Perpassando pela seleção dos pontos, dos informantes, dos instrumentos de pesquisa e dos dados de análise. Sobre os pontos de inquérito têm-se a seleção de 10 municípios do estado do Amapá: (01) Macapá, (02) Santana, (03) Mazagão, (04) Laranjal do Jarí, (05) Pedra Branca do Amaparí, (06) Porto Grande, (07) Tartarugalzinho, (08) Amapá, (09) Calçoene e (10) Oiapoque. Como ilustra a figura 01.

Figura 01- Localidades pesquisadas



Fonte: Razky, Ribeiro e Autor (2017, p. 53) (adaptado pelos autores).

Em cada localidade foram entrevistados quatro informantes, totalizando 40, estratificados por idade, sexo e escolaridade. O perfil dos entrevistados insere-se na seguinte célula sociolinguística: um homem e uma mulher na faixa etária de 18 anos a 30 anos; um homem e uma mulher na faixa etária de 50 a 75 anos. Todos com escolaridade entre o fundamental I e o II ou não escolarizados.

Para verificação e análise do fenômeno do rotacismo foram selecionados os seguintes vocábulos: *clara*, *planta*, *placa* e *bicicleta*. Estes vocábulos também estão contemplados na carta fonética F03 do ALAP que mostra a ocorrência do rotacismo na fala amapaense.

A seguir apresentam-se os resultados da pesquisa com descrição do fenômeno do rotacismo sob um viés da dialetologia e da geolinguística, e por fim, discute-se sobre como utilizar esse conhecimento linguístico a favor das aulas de Língua Portuguesa.



4. Apresentação e discussão dos resultados

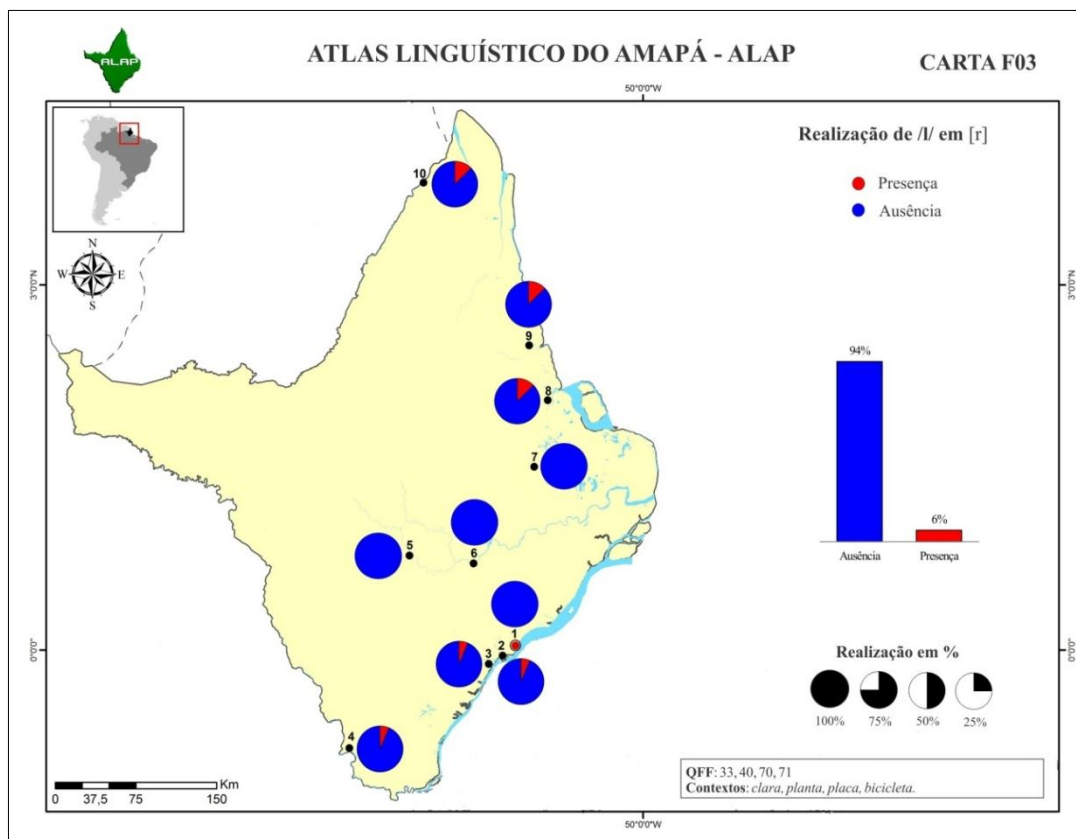
Nesta seção, apresenta-se uma descrição do fenômeno do rotacismo na fala de amapaenses sob a perspectiva da geolinguística moderna e em seguida discutem-se como esses resultados da realidade linguística amapaense podem ser trabalhados no contexto escolar, sobretudo nas aulas de Língua Portuguesa, com base nos princípios da Sociolinguística Educacional.

4.1 Descrição dos resultados

Para descrição dos resultados em torno do fenômeno do rotacismo na fala de amapaenses, serão apresentados inicialmente os dados sobre a variação diatópica (geográfica) e logo em seguida os dados sobre a variação diageracional (idade) e diassexual (sexo/gênero).

A carta fonética estudada é a F03 - Realização de /l/ em [r], já publicada no Atlas Linguístico do Amapá. Nela constam os dados gerais de presença e ausência do fenômeno de rotacismo, assim como os pontos de inquérito, os vocábulos analisados e a realização em porcentagem, como mostra a figura 02.

Figura 02– Carta fonética F03



Fonte: Fonte: Razky, Ribeiro e Sanches (2017, p. 58).

Observa-se na figura acima que os pontos de inquérito 08 (Amapá), 09 (Calçoene) e 10 (Oiapoque) obtiveram em média de 25% de presença do rotacismo. No caso dos pontos 02 (Santana), 03 (Mazagão) e 04 (Laranjal do Jari) apresentaram em torno de 15% de presença. Já nos pontos 01 (Macapá), 05 (Pedra Branca), 06 (Porto Grande) e 07 (Tartarugalzinho) o fenômeno não aconteceu.

Apesar de o rotacismo ocorrer de forma tímida, é um fenômeno que ainda está presente no falar amapaense. Essa frequência mínima do fenômeno converge com os estudos apresentados anteriormente (seção 2.3), que mostra esvaecimento do rotacismo no português brasileiro em decorrência da presença de escolas em zonas urbanas e rurais.

Na tabela abaixo, sintetiza-se o mapeamento diatópico do fenômeno do por localidade pesquisada e por frequência de realização e não realização, conforme o número de ocorrência.

Tabela 01- Mapeamento fonético diatópico

Variantes	Realização	Não-realização
Localidades	Nº de ocor.	Nº de ocor.
01 – Macapá	0	16
02 – Santana	1	15
03 – Mazagão	1	15
04 – Laranjal do Jarí	1	15
05 – Pedra Branca do Amapari	0	16
06 – Porto Grande	0	16
07 – Tartarugalzinho	0	16
08 – Amapá	2	14
09 – Calçoene	2	14
10 – Oiapoque	2	14

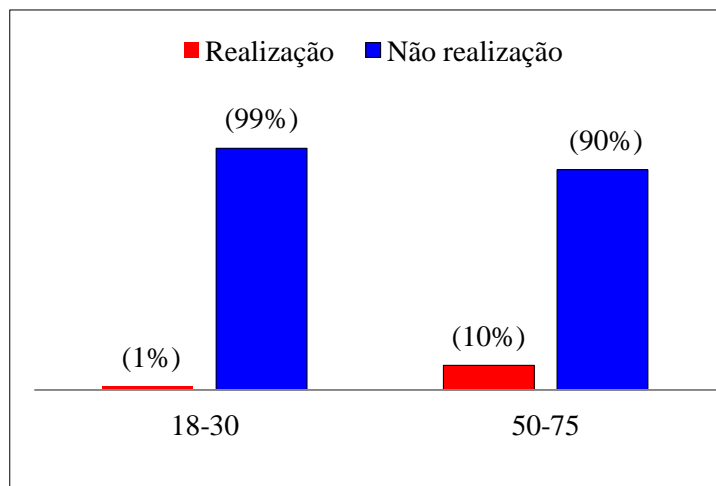
Fonte: Elaboração dos autores.

Diante desses resultados, vale notar que nos municípios, onde o fenômeno teve maior ocorrência, estão localizados mais ao extremo norte do estado, ou seja, estão em áreas mais afastadas da capital Macapá.

No que diz respeito à variável social, a descrição dos dados considerou apenas dois fatores: idade e sexo dos informantes. O objetivo foi saber se essas variáveis favorecem a presença ou ausência do fenômeno estudado.

A seguir, o gráfico 01 apresenta os dados de acordo com a idade dos informantes.

Gráfico 01 - Variação Social: Idade



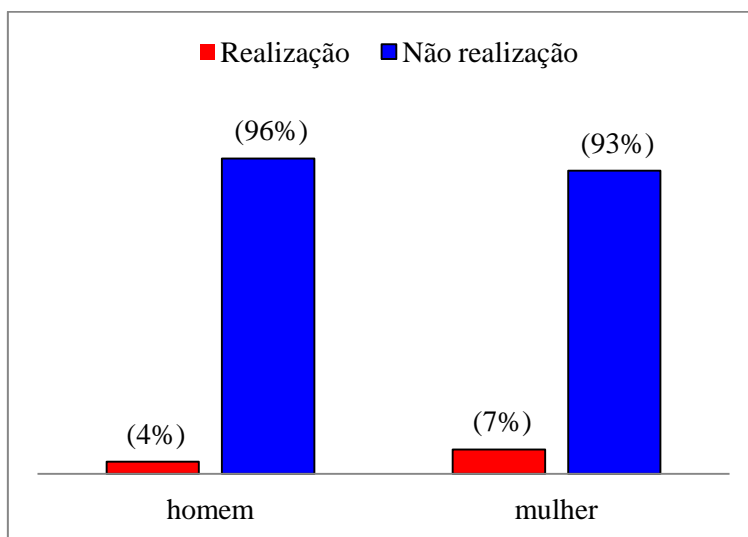
Fonte: Elaboração dos autores.

De acordo com o gráfico acima, os dados demonstram 1% de realização e 99% de não realização do rotacismo na faixa etária I (18-30 anos); e 10% de realização e 90% de não realização na faixa etária II (50-75 anos). Com isso, a diferença das ocorrências é de 9% entre as faixas etárias, destacando-se a presença do rotacismo na fala de informantes da faixa etária II.

Uma possível explicação para este resultado pode estar relacionado à falta de escolarização dos informantes, pois a implantação de escolas (de ensino fundamental 1 ao ensino médio) em áreas distantes capital do Amapá ainda é recente. Nota-se que os mais jovens estão inseridos no processo de educação formal, diferente das pessoas idosas que não tiveram a oportunidade de estudar quando jovens e tiveram que iniciar os estudos tardiamente na modalidade de Ensino de Jovens e Adultos (EJA), mas que nem sempre é ofertada nas cidades interioranas do Amapá.

Quanto à variação social sexo, os dados demonstram 4% de realização e 96% de não realização do rotacismo na fala de homens, e 7% de realização e 93% de não realização na fala de mulheres. Abaixo o gráfico 02.

Gáfico 02 – Variação Social: Sexo



Fonte: Elaboração dos autores.

Observa-se no gráfico 02 que a diferença é de 3% entre ambos os sexos. Essa diferença não se mostra tão significativa como a variável faixa etária, com isso não é possível dizer que o sexo dos informantes influencia na presença ou ausência do rotacismo.

4. 2 O rotacismo e suas implicações em sala de aula: algumas reflexões

Como já mencionado, o rotacismo é um fenômeno fonológico que teve sua origem na formação do português, porém, este fenômeno é visto, no ensino formal, como um mero “erro” de fala e de escrita da norma padrão. Bagno (2007) corrobora dizendo que o que é tratado como suposto “erro” é, na verdade, prosseguimento de uma tendência muito antiga no português (e em outras línguas) que os falantes rurais ou não escolarizados muitas vezes levam adiante.

Por exemplo, se um falante pronuncia “pranta” ao invés de “planta”, “framengo” em lugar de “flamengo”, é caracterizado como pertencente a camadas sociais

desprestigiadas, marginalizadas, que não tem acesso à educação formal. Em consequência disso, sua linguagem é tida como “feia”, “pobre”, quando, na verdade, é uma forma diferente de falar, a qual se difere da que é ensinada na escola (BAGNO, 2003).

É certo que o rotacismo é um fenômeno encontrado na fala, principalmente, de pessoas pertencentes a camadas sociais estigmatizadas, logo, o preconceito linguístico decorrente da língua falada ou escrita também é um preconceito social.

Segundo Freitag *et al.* (2010), tal preconceito muitas vezes vem dos próprios professores de língua materna, que acreditam ser dever do docente refrear severamente os ditos “erros de português”. Esse posicionamento é um reflexo não só do que a escola prega frente à variação linguística, como também da sociedade, que cobra destes a coibição do “erro”, tanto em sala de aula como fora dela.

Como base nos postulados de Bortoni-Ricardo (2004), que defende uma Sociolinguística Educacional, é possível ensinar o português como língua materna na escola por meio de uma pedagogia culturalmente sensível que permite ao professor ter um olhar cuidadoso para as diferenças culturais dos alunos na escola, assim como norteia o professor encontrar meios efetivos para conscientização dos alunos sobre as diferenças existentes de regras não-padrão da língua portuguesa em ambiente escolar.

Para a autora, cabe ao professor identificar à variável não-padrão, como também explicar o fenômeno. No entanto, em muitas situações não acontece a identificação pela falta de atenção ou o desconhecimento daquela regra. No que diz respeito à conscientização das diferenças, isso se torna um pouco mais complexo, mas é preciso conscientizar o aluno sobre as variáveis disponíveis para que ele possa se monitorar, assim como apresentar situação adequada ao fazer uso da variante.

A autora ressalva que esse processo precisa ocorrer de forma que não acarrete prejuízos no processo ensino/aprendizagem, respeitando as características psicológicas e culturais de cada aluno, para que não possa intervir de maneira desrespeitosa causando aversão e revolta por parte do aluno.

Para Bortoni-Ricardo (2004), a escola deve compreender que a criança chega ao ambiente escolar com uma gama de conhecimentos adquiridos no seu contexto social e cultural. Assim, é de suma importância que escola desenvolva ações para combater o preconceito linguístico e propagar o respeito à diversidade cultural e linguística, desmistificando a crença de que há língua homogênea.

Voltando ao papel do professor, ele é uma peça importante no que concerne a educação escolar, pois, está intrinsecamente envolvido no processo de ensino/aprendizagem do aluno.

O rotacismo é um exemplo de uma variante não-padrão estigmatizada, considerada um “erro”. Essa concepção pode ser desmistificada por meio do uso de materiais didáticos adequados como gramáticas, dicionários, livros, etc. Uma sugestão para o trabalho docente é a elaboração de sequências didáticas que explore conteúdos sobre a variação padrão e a não-padrão, bem como as diferenças entre a modalidade escrita e falada do português.

É necessário que as aulas de língua portuguesa sejam contextualizadas, mostrando aos alunos que a língua não é estática e muito menos homogênea. É necessário também que a escola atue de forma inclusiva, desmistificando os fenômenos linguísticos tratados como “erro” pela tradição gramatical, e entendendo o rotacismo, por exemplo, não como uma forma “errada de falar” e sim como uma maneira diferente de falar, isto é, um traço cultural e linguístico de um determinado grupo sociocultural.

Considerações finais

Como resultados, constatou-se que houve 6% de presença e 94% de ausência do rotacismo na fala dos amapaenses. Vale destacar que do ponto de vista diatópico, as localidades 01 (Macapá), 05 (Pedra Branca do Amapari), 06 (Porto Grande) e 07 (Tartarugalzinho) não houve ocorrência do fenômeno, enquanto que nos pontos 08 (Amapá), (09) Calçoene e 10 (Oiapoque) há uma frequência significativa e que pode



estar condicionada a posição geográfica dessas localidades quando comparadas à capital Macapá (figura 02).

Outro fator social que pode condicionar o uso do rotacismo diz respeito ao grau de escolaridade e a faixa etária dos informantes, uma vez que o fenômeno apareceu, em sua maioria, na fala de informantes da segunda faixa etária (50 a 75 anos), e com baixo de escolaridade, até o ensino fundamental I incompleto ou analfabeto.

Sobre como estudar o rotacismo em sala de aula, é necessária uma reformulação nos princípios que norteiam as aulas de Língua Portuguesa, ou seja, exercer uma pedagogia culturalmente sensível à realidade cultural e linguística do aluno, oferecendo a ele possibilidades para construção do conhecimento e habilidades em torno da língua, tanto oral como escrito e não somente o ensino de regras gramaticais do português padrão escrito. Como isso, a escola estará cumprindo com seu papel, proporcionando ao aluno uma educação linguística de modo autônoma, crítica e reflexiva.

Referências

- BAGNO, M. **Nada na Língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007.
- BAGNO, M. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2003.
- BORTONI-RICARDO, S. **Educação em língua materna**: A sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.
- CAMARA JR., J. M. **História e Estrutura da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.
- CARDOSO, S. M. **Geolinguística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola, 2010.
- CEZARIO, M. M; VOTRE, S. Sociolinguística. In: Martelotta, Mário Eduardo (Orgs.). **Manual de Linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 141-155.
- CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. **La Dialectología**. Madrid: Visor Libros, 1994.
- COSTA, L.T. Análise variacionista do rotacismo. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**. Vol. 5, n. 9, agosto de 2007.
- FERREIRA, C.; CARDOSO, S. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU
ISSN: 2178-1486 • Volume 10 • Número 29 • Nov 2019

FREITAG, R. M. *et al.* “Vamos prantar froes no grobo da terra”: estudando o rotacismo nas séries iniciais da rede municipal de ensino de Moita Bonita/SE. **RevLet – Revista Virtual de Letras**, Sergipe, v. 2, n. 2, p. 17-31, 2010.

MARROQUIM, M. **A língua do Nordeste**: Alagoas e Pernambuco. Curitiba: HD

MUNIZ, E. **O rotacismo na fala de crianças de Santo Amaro – Bahia**. Graduação (Monografia). Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2019.

PADOVANI, B. F. L.; SANCHES, R. Interface entre a dialetologia e a sociolinguística. **Web-Revista SOCIODIALETO**, v. 6, p. 542-567, 2016.

RAZKY, A; RIBEIRO, C; SANCHES, R. **Atlas Linguístico do Amapá**. São Paulo: Labrador, 2017.

REIS, G. Cravícula e carcanhá: a incidência do rotacismo no falar maranhense. **Revista Littera**, v. 1, nº 1, jan – jul 2010.

SILVA-CORVALÁN, C. **Sociolinguística**: teoria y analisis. Madrid: Level, 1988.

Recebido Para Publicação em 31 de dezembro de 2019.

Aprovado Para Publicação em 20 de fevereiro de 2020.